**OS CURRÍCULOS QUE NOS ATRAVESSAM DENTRO DOS/NOS/COM OS COTIDIANOS**

**Izadora Agueda Ovelha**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Juliana Rodrigues**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

**Maristela Petry Cerdeira**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Resumo

Diversas são as experiências nos cotidianos. A busca por "tessituras de solidariedade e de convivências nos diferentes ‘*espaçostempos*’ educativos cotidianos e nas práticas culturais" configura-se como um horizonte inspirador. Essa perspectiva se entrelaça de forma profunda com o que iremos narrar aqui, onde o ‘*verouvirsentirpensar*’ ecoa como um convite à criação de currículos que respeitem as diversidades e que sejam, na medida do possível, mais participativos. É importante sublinharmos que nossa vida social e escolar permeia muitos movimentos culturais. Pesquisar com os cotidianos nos permite, em alguma medida, compreender a complexidade da realidade das tantas redes educativas que formamos e nos formam. Aprender permeados pelos currículos cotidianos, por sua vez, expressa e cria sentidos próprios para suas realidades, convicções presentes, processos educativos e práticas culturais cotidianas.

Palavras-chave: Currículos Cotidianos, Artefatos Culturais, Formação Docente, Redes educativas.

Vivemos em uma sociedade onde as experiências cotidianas são múltiplas e diversas. A busca por "tessituras de solidariedade e de convivências nos diferentes ‘*espaçostempos*’[[1]](#footnote-1) educativos cotidianos e nas práticas culturais" configura-se como um horizonte inspirador. Essa perspectiva se entrelaça de forma profunda com o que iremos narrar aqui, onde o ‘*verouvirsentirpensar*’ ecoa como um convite à criação de currículos que respeitem as diversidades e que sejam, na medida do possível, mais participativos.

Devemos “entrar com todos os sentidos” nos cotidianos porque percebemos que “só é possível analisar e começar a entender o cotidiano escolar em suas lógicas, através de um grande mergulho na realidade cotidiana da escola e nunca exercitando o tal olhar distante e neutro” (Alves; Oliveira, 2008, p. 20). Para muitos, é fundamental manter o distanciamento em suas pesquisas, mas compreendemos que tal marcação entre “pesquisador” e “pesquisado”, ou as dicotomias que determinaram os modos de se fazer ciência na Modernidade, são limites para as pesquisas dessa corrente. Ao entrelaçar a experiência narrada com a temática de criação de currículos mais múltiplos e engajadores, somos convidados a refletir sobre o papel fundamental da escuta ativa e da valorização dos cotidianos escolares.

O relato que iremos narrar se deu em uma escola privada na cidade de Niterói, onde pretendíamos realizar uma espécie de festival de cinema com as crianças do 4º ano do Ensino Fundamental – Anos iniciais. Escrevemos um projeto com todo embasamento teórico-epistemológico para apresentar à coordenação de área e, posteriormente, à coordenação pedagógica. Em um primeiro momento, a coordenação havia autorizado; contamos a proposta para a turma para que eles também pudessem participar. Depois que tudo estava organizado para iniciarmos as atividades acerca do projeto, a coordenadora de área nos chamou para conversar e disse: “acho muito legal vocês quererem entrar na ‘onda’ dos alunos, mas o importante aqui é o conteúdo e não essa perda de tempo.” A negativa da coordenação nos deixou em uma situação delicada, porque já tínhamos iniciado as dinâmicas de trabalho e precisamos comunicar aos estudantes sobre a impossibilidade de seguir com as criações. Tal situação gerou muitos sentimentos, mas, principalmente, um verdadeiro desânimo, pois todos os alunos estavam muito animados e participativos.

Sabemos que as conversas dentro dos mais diversos espaços do ambiente escolar são diferentes. Contudo, quando ocorrem situações em que nos deparamos com muitos embates e desencontros de ideias com a coordenação, as coisas se complicam muito e se tornam limitantes. No entanto, conscientes da importância das criações curriculares múltiplas, e, principalmente, num movimento de (re)existência, criamos possibilidades para desenvolver ‘*conhecimentossignificações*’ nas nossas práticas pedagógicas, rompemos as barreiras da negação e seguimos criando. Pois, em alguma medida, os currículos são impostos e, por vezes, nos pressionam, como sinaliza a pesquisadora Nilda Alves:

Considerando nossa sociedade hoje e as pessoas existentes, em sua grande variedade, poderemos perguntar: como surgiram os conteúdos e as formas — ‘*conhecimentossignificações’* e modelos de organização — que estão aí? Quando? Quem os determinou? E que efeito têm nas escolas atuais? Devem continuar existindo? Naturalmente, essas questões não são para serem respondidas em um pequeno capítulo deste livro. São questões que interessam a todos nós e devem ser discutidas e debatidas em muitos fóruns.

[...] No entanto, no que se refere à formulação dos conteúdos desenvolvidos dentro das escolas, existem três aspectos que não podem deixar de ser mencionados. O primeiro deles se refere a que, contrariamente aos que afirmam tanto tantos — que tem interesse em dizer que os conteúdos que consideram os necessários são aqueles que tem origem científica —, Lopes (1999) nos faz ver, em sua tese, já muito publicada, que os caminhos para a formulação desses conteúdos são próprios a instituição escolar e são formulados em políticas públicas específicas, cujas bases não são exatamente ‘científicas’. As formas que esses conteúdos adquirem nas escolas são, assim, formas escolares e não científicas, o que é preciso compreender bem.

O segundo desses aspectos se refere a que, hoje, existe no mundo uma tentativa de implantar alguma coisa que vem sendo chamada de “currículo nacional", com base em políticas internacionais globais que têm a ver com o interesse de relacionar os conteúdos propostos no currículo a uma equalização deles, com a finalidade de servir a "necessidades do mercado".[...] No entanto, e este é o terceiro aspecto a comentar, as múltiplas forças sociais, com apoio em diversos movimentos, no Brasil, fizeram a opção, durante a última década, de buscar a desenvolver o que foi chamado de "diretrizes curriculares nacionais", discutidas e formuladas pelo Conselho Nacional de Educação, a partir do que encontramos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Essas diretrizes dão conta de nossa diversidade cultural e educacional, indicam a necessidade de respeito a ela nas formulações de políticas públicas curriculares e permitem que cada ente federado, em educação, contando com a participação de todos os *‘praticantespensantes’* das escolas, formule, nos *‘espaçostempos’* de sua atuação, as políticas necessárias. Permite, portanto, que se criem, na multiplicidade que somos, os tantos currículos políticos necessários a crianças, jovens e adultos, neste tão diversificado Brasil. (Alves, 2019, p. 71 - 73)

Por meio dessas palavras, Alves nos agracia com a tessitura de um panorama para que possamos compreender a composição do nosso currículo no aspecto geral da educação brasileira. Infelizmente, o processo de desmonte e o sucateamento da educação é um processo que atravessa governos ao longo de décadas e, tal situação, prejudica sobremaneira toda a sociedade, mas, especialmente, o corpo docente, os estudantes, a comunidade escolar como um todo. Observa-se, ainda, a fragilização das políticas curriculares. No entanto, feliz ou infelizmente, professores dos diversos níveis de ensino, que lutam cotidianamente por uma educação de qualidade e equitativa, não se permitem paralisar frente a tantos obstáculos.

Multiplicidade e diversidade são palavras-chave para a criação dos currículos das escolas. Sabemos muito bem que precisamos estar de acordo com todas as deliberações obrigatórias nacionais, mas não podemos nos esquecer das necessidades e características próprias de cada escola, das singularidades das realidades regionais, haja vista que vivemos em um país de dimensões continentais. Por isso, é imprescindível que o Projeto Político Pedagógico (PPP) seja discutido coletivamente, tenha seu traçado muito bem delineado, atendendo, especialmente, aos anseios da comunidade escolar. Com isso, o currículo, quando em suas muitas possibilidades, respeitará as singularidades das realidades escolares.

Compreendemos que um dos caminhos para criarmos um currículo diverso é apresentar todas as questões que cerceiam as questões curriculares, dentro dos espaços de formação no ‘*espaçotempo*’ que oficialmente entendemos como a formação docente nas diversas licenciaturas das universidades espalhadas pelo nosso país. É nesses lugares, de formação de professores, que damos continuidade ao processo de aprendizagem, ou seja, aquilo que muitos chamam de primeira formação. Afinal, antes de ingressarmos os estudos direcionados em uma universidade, já vivenciamos muitos anos de experiência dentro das escolas, onde estudamos desde os primeiros anos de ensino da Educação Básica. Logo, um estudante do curso de Pedagogia já teve contato com diversos professores ao longo de sua vida, experimentando diferentes jeitos e metodologias de ensinar, presenciando as relações que os professores mantinham com os estudantes, com outros professores, com os agentes educacionais e com tantos outros aspectos da vida escolar. Porque ‘*aprendemosensinamos*’ em muitos movimentos culturais que estão ‘*dentrofora*’ das escolas.

É importante sublinharmos que nossa vida social e escolar permeia muitos movimentos culturais. Tal aspecto é por si só a premissa para inserirmos artefatos culturais nas nossas ‘*práticasteorias*’ pedagógicas. Nesse movimento, as recomendações dos movimentos escolares sinalizam para uma formação que englobe as multiplicidades curriculares em seus âmbitos éticos, estéticos, políticos e poéticos. Os debates e conversa acerca dos currículos universitários também circundam pela necessidade de uma mudança curricular nas diversas instituições universitárias do país. Essas discussões foram reverberando feitos interessantes nos *‘espaçostempos’* curriculares, desenvolvendo componentes curriculares, como nos sinaliza Nilda Alves:

A estes estamos chamando de ‘componentes curriculares’, já que não são disciplinas no sentido com mais conhecemos: são *‘espaçostempos’* transdisciplinares, que vêm permitindo trabalhos conjuntos e mais duradouros, com certa continuidade de docentes, de discentes, de conteúdo, de práticas pedagógicas etc., embora sempre abertos à criação, já que entram no currículo como *‘espaçostempos’* de inovações. O melhor exemplo desses componentes está no que vem sendo chamado no curso de Pedagogia, em muitas partes do país, de PPP (Pesquisa Prática Pedagógica) que existe durante alguns semestres, sendo desenvolvido pelo mesmo docente, em uma mesma turma. (Alves, 2019, p. 118)

Esses movimentos que nos ajudam a criar currículos para as nossas realidades *‘dentrofora’* dos espaços escolares. Quando estamos sensíveis a essas questões compreendemos melhor as metodologias e didáticas em sala de aula. E, ao retornarmos ao início destes escritos, percebemos que a coordenadora pedagógica da escola entende o projeto do festival de cinema como algo lúdico sem *‘conhecimentosignificações’* com os ‘*praticantespensantes*’ em sala de aula. No entanto, os desdobramentos desse projeto de cinema, possivelmente, se expandiriam para os lares daqueles alunos e proporcionaria um elo entre a família e a escola. O cinema é uma potência no tecer das redes de *‘conhecimentossignificações’* nos diversos movimentos da vida do estudante.

Dito isso, pesquisar com os cotidianos nos permite, em alguma medida, compreender a complexidade da realidade das tantas redes educativas que formamos e nos formam. Dessa maneira, é necessário que os currículos, tanto escolares quanto universitários, abarquem as multiplicidades curriculares cotidianas, lançando mão dos tantos artefatos culturais que nos rodeiam e que nos possibilitam inúmeras criações no processo de desenvolvimento dos ‘*conhecimentossignificações*’. Aprender permeados pelos currículos cotidianos, por sua vez, expressa e cria sentidos próprios para suas realidades, convicções presentes, processos educativos e práticas culturais cotidianas.

Referências:

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho – os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas –* sobre redes de saberes*.* Petrópolis: DP et Alii, 2008.

ALVES, Nilda. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar as escolas hoje. Nilda Alves. São Paulo: Cortez, 2019.

ALVES, Nilda. FERRAÇO, Carlos Eduardo. SOARES, Conceição Silva. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018.

1. As dicotomias foram criadas como necessidade no surgimento das ciências na Modernidade. Hoje, nas pesquisas com os cotidianos, elas significam limites ao que precisamos ‘*fazerpensar*’, com os processos que desenvolvemos. Com isso, decidimos grafar juntos, em itálico e com aspas simples os termos que antes eram dicotomizados (ex ‘*práticateoria*’), bem como os processos que antes pensávamos como sucessivos e que sabemos que são concomitantes. [↑](#footnote-ref-1)